

O BARCELLENSE

PERIODICO POLITICO LITTEARIO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

BARCELLOS, 1

TELEGRAPHIA

A' ultima hora

APULIA 24 DE SETEMBRO. A'S 2 H. E
5 M. DA TARDE.

(Do nosso correspondente)

Felizmente já não dá cuidado a Mr. Raposo o incommo do RATO FORMOSO, que está completamente restabelecido.

Nos ultimos dias tem trabalhado com perfeição.

O empresario concordou definitivamente com os da «roleta», em não apresentar o RATO na Povoação.

Andam aqui algumas madamas «cucantadas» com a formosura do bleho e com as pantomimas por elle praticadas.

O harmonico já toca mais afinadinho.

«Dom Francisco da Prochinella» não gosta das «quadras» em que lhe fallei; e o Freitinhos, para as tecar, deu um banho a «violeta». L.

Sr. governador civil sr. ministro do reino.

Mais telegrammas, sr. governador civil, que textualmente extrahimos da *Lei e Ordem* (que pelo nome não perca)—jornal governamental, que se publica n'esta terra, e de que é editor responsavel o secretario da administração, Agostinho José da Silva.

Este Agostinho José da Silva é aquelle sujeito, que está condemnado por diversas sentenças como calumniador, e que já entrou em processo por falsificador!

Não pode ser estranho á redacção o sr. administrador do concelho, e para o demonstrar, basta a simples ideia, que um lugar de confiança não pode ou não deve ser occupado por pessoa, que esteja em opposição á politica do sr. administrador:—queremos dizer—que o sr. administrador e o seu secretario são uma e a mesma coisa.

Diz o sr. administrador, e confirma-o o seu secretario, que a administração do concelho nada tem com o jornal.

Não admira;—tão bem escripto está elle, que quem mais interesse tem em sus-

tenta-lo e lhe dispensa toda a sua protecção, seja o primeiro a pretender *engaita-lo*; mas tenham paciencia;—quem os cria assim, deve *educar-los*, e aceitar a responsabilidade da *creação*.

Esta negativa do nosso administrador é igual, á que fez em audiencia publica de *não ter outr'ora responsabilidade na publicação do Barcelense, por não ser o redactor, confessando ter sido por muito tempo o seu editor!!*

Esta pobre logica é tambem a do seu secretario, que confirma o que diz o seu administrador sem se lembrar, que é parte interessada, e que os *calumniadores*, julgados por sentença, por mais de uma vez, como taes, não podem ter fé em juizo!

Não pretendemos, sr. governador civil, sr. ministro do reino, com estas nossas ponderações,—com as publicações dos *telegrammas*, que fielmente temos extrahido da *Lei e Ordem*—jornal da snr.^a administração do concelho—providencias a este respeito;—não senhor;—nós temos em vista, torna-los só participantes da *anarchia*, que se observa neste concelho, e ao mesmo tempo preparar a opinião publica a nosso favor.

Já não é pouco;—se não fóra assim, como querem, que nós, homem do povo, sem posição official, sem riquezas, sem egide poderosa, que nos protega—podessomos ter a nosso lado a opinião sensata, potente, e em audiencia publica obrigar os despotas a curbarem a cabeça?!—ouvir o administrador do concelho, testemunha de defeza, dizer:—*o réo principiou a ser meu inimigo desde que dei uma esmolla ao papa, donde se vê, que elle é inimigo da religião!*—e o juiz de direito, que foi obrigado a calar-se no seio da discussão, dizer:—*um raio venha do ceu e me parta, se eu tenho exercido justiça por vingança!!*

Os factos passam-se na presença de setecentas, ou oito centas pessoas, e por isso não podem ser inventados;—transparece n'elles a falta de dignidade pessoal e o rebaixe da auctoridade, que dispensam commentarios.

Os *telegrammas*, sr. governador civil, e ministro do reino, são dirigidos contra pessoa, que nada tem com os jornaes, que se publicam nesta terra;—exprimem *vin-*

ganças pessoas com o desprezo das leis e da moralidade publica!

Os *telegrammas* demonstram o *deboche e a perversação*, de que está eivada a administração do concelho, e que, quem incita, e quem promove a *anarchia*, é a auctoridade com offensa dos seus administrados.

Nós não pretendemos *reparações*, por que nada temos a esperar das repartições superiores, que, segundo os factos, já não podemos deixar de considerar, que são *protectoras*.

Sejam;—não são obstaculo para que não possamos andar,—preparar a verdadeira opinião publica para que conheça, de que lado está a razão.

Nada perdemos; e mais tarde a sorte decidirá,—o que vale a *cegueira e as paixões*.

CUNHA OZORIO

A *Lei e Ordem (Lei e Ordem!)* ruge, mugé, tuge;—estorce-se nas vascas d'agonia, como quem prepassa desta para melhor vida!

Diz-nos, que a sua linguagem é *respeitosa* e de quem recebeu *educação*; a prova d'isto está nos periodos, que, (com a *devida venia*) em seguida, mandamos inserir.

É *delicada, altisonante e sublime*;—transcrevendo-a, é dever nosso, dar a *gloria*, a quem a tem.

Não a invejamos, e dizendo donde parte, prestamos culto ás *excelsas virtudes* do nosso administrador do concelho:—*ávanté!*

Hontem, pequeno, apenas nos servia para se assentar nos bancos dos réos para nos defender;—hoje, tem jornal seu, occupa o lugar nobre, e dá a razão do seu dito por nobres aspirações.

Erramos, quando não prestamos culto ás *suas virtudes*, e desconhecemos o merito de redactor a quem tantas provas dá do seu *saber e em quem concorre tanta prudencia, tino e juizo!*

Ávanté;—a casaca e luva branca não é talhada para qualquer lacaio, e a farda agalocada de administrador não a enverga, no estado normal, *qualquer petroleiro* perdido entre as massas.

É pena, que tenha defendido, e se te-

nha alliado com os ladrões industriais e de faqueiros, a ponto de se obrigar a assentar por elles nos bancos dos réos!!

E pena, que, por considerações e antigas alianças, desdiga do seu bom nome por tanto tempo adquirido, e não faça punir os criminosos, como o dever do seu cargo lhe indica!

E pena, que deixe impunemente o Barcelense, quando lhe argue factos em menoscabo da sua honra; quando cuidadoso velou outrora pela dos outros, levantando autos, que menos se podiam justificar!

E pena, que quem diz tão bem e prova o que diz, o diga como auctoridade em desfavor dos seus administrados!

Louvando a prudencia, tino, prespicacia e alta intelligencia do nosso administrador do concelho—o sr. Antonio do Rego Faria Barboza, em honra sua, e gloria dos altos funcionarios do Estado, que o sustentam á frente deste importante concelho,—não podemos eximir-nos á publicação, do que, sobre ladrões, o seu jornal, que é a *Lei e Ordem*—diz!!

O publico ajuize sem roubar a gloria a quem tambem diz dos factos e melhor na frase!!—falla a *Lei e Ordem*.

CUNHA OZORIO

Toda a gente sabe quem são os colaboradores da *«Lei e Ordem»* e os seus prece-

dentos, ou o mestre lh'os quer preparar. E nós vamos apontar-lhos.

Os redactores da *«Lei e Ordem»* são *«ladrões industriais»* roubam faqueiros de prata, espancam seus paes, empalman a fortuna dos jesuitas, mandam cartas anónimas ameaçando com a internacional, tem ido para a cadeia varias vezes, são denunciadores e delatores da honra alheia; fazem seu o que é d'outrem, roubam o municipio de batalhões, são espões levados a soppapo e a pontapé, e ameaçam as donzelas a ceder aos seus caprichos ou com denuncia-as aos esposos quando tentam resolver-se ao matrimonio.

O *«mestre»* não sabia? Pois isto é que elles são.

Quanto ao snr. administrador do concelho, esse, mestre, tem feito gato-sapato de Barcellos, e o mestre que não tem feito d'esta villa nem sapos nem saramellas, ainda o não nomearam cabo de policia. O defeito é dos governadores civis e ministros do reino que são todos uns corruptos e devassos, immoraes e loucos, que não sabem fazer justiça ao modelo de quantas virtudes cobre o sol.

Agora quer o *«Barcellense»* trazer a capitulo o actual magistrado do ministerio publico com insinuações loucas e vãos, ao que só resta dizer ao mestre, que os anjinhos lhe respondam. Os cherubins esses andam á carqueija. L. Y.

NOTICIARIO

Deprecada—A que foi enviada da Relação ao juiz de Villa Nova de Famalicão para vir a este juizo inquirir as testemunhas contra o juiz de direito desta comarca, não foi comprida, porque o juiz proprietario estava ausente com licença e os substitutos principiaram a jogar a *cabra cega*.

Deu-se o facto de não haver em Famalicão, nestes ultimos dias, juiz que despachasse, ausentando até o juiz substituto, que estava com a vara.

Chegada—Dizem-nos, que o juiz desta comarca chega aqui no dia 5, por não haver substituto, que queira ir fazer as audiencias, apressando por isso a marcha o proprietario, que só tinha tenção de vir no dia 16, tendo licença para mais.

Dá-se o triste acontecimento de ser necessario ir fazer, por muito favor, uma unica audiencia um juiz substituto dos biennios passados, dando-se mais a circumstancia de ser preciso reunir as duas varas, por não haver quem fica com a orfanologica!!

A que lamentavel estado chegou esta comarca por cauza de um juiz imprudente e malcreado!

O primeiro substituto, que é considerado pela relação, como (se não o primeiro) um dos mais dignos do districto, que tem servido por mais de vinte annos, regeita o cargo em quanto um juiz de tal laia se conservar nesta comarca!!

Feira annual de Famalicão—Foi pouco concorrida, e fizeram-se muito poucas

FOLHETIM

DIALOGO

Zé do Abbade com Esganarello pelo braço no leilão do Maricoto.

Zé do Abbade.—Quem é aquelle figurão que acolá está?—*caspite!* chapeu embicado, meias de seda e casaca de furta-cores!—provavelmente é mestre d'esgrima.

Esganarello.—Qual mestre de esgrima, tu és um asno; bem mostras ser o *Zé do Abbade*;—aquillo é um leilão, representado pelo *Maricoto*, o mais afamado de todos os leiloeiros, que até hoje tem apparecido;—quem alli for tem de forçosamente escorregar com o seu pataco.

Zé do Abbade.—Não, a mim não me tenta;—tenho visto muitos *palhaços*, e graças a deus, ainda nenhum me fez *ninho de traz da orelha*;—mas diz-me, aquelle *bonifrates*, que representa?

Esganarello.—Ora essa é boa;—representa a nossa religião; é mesmo o *verbo encarnado*;—se elle nos falta, não tornamos a ter precisões e a religião acabou.

Zé do Abbade.—Então, quaes são os seus prodigios, as suas maravilhas, que recomendam o homem, e o tornam indispensavel á religião?—nesta terra não ha padres?—e estes precisam d'quelle *bailarino* para augmento da religião?—a religião nesta terra está muito em baixo!—que serviços presta elle, que se tornam tão indispensaveis?

Esganarello.—Que serviços?—ora essa é boa!—arranja aquillo, com que se compram os melões;—vende prendas, segredinhos, agoa

chilra, seu copinho do spiritoso e de vinagre, sua costellinha, um franguinho assado, e no meio de tudo isto *sua espiga* de permeio;—mas isso não é nada—o *palavriado*, o *palavriado* é de matar!—queres tu ouvi-lo?

Zé do Abbade.—Vamos lá; mas olha, se entendes ser esse o meio para encheres a *busara* á minha custa, enganas-te, eu não ando por esse caminho, e não creio em *lenti-lhas*.

Esganarello.—O' homem, pois tu estás tão depravado, que já não acreditas na santa igreja?—pois tu não has-de concorrer, ao menos, com um *solitario* para o augmento da nossa religião? olha, que o inferno não se fez para os caes, e não desprezes a occasião, se queres salvar a tua alminha.

Zé do Abbade.—Já entendo, a tua religião e a dos teus confrades é a *pança*, e a *bebedeira com galhofas e insultos á mesma religião!*—com essa religião não quero ganhar o *ceu*;—mas repara, que quem a procura por essa forma, encontra primeiro a *caldeira de Pedro Botelho*.

Esganarello.—Será assim, será assim, mas a que eu professo, é a que se coaduna mais com o meu modo de pensar, porque a minha intenção é boa;—é verdade, que encho a *sachristia*, mas o *luisio* que eu dou, é por amor á santa religião, e do mais não quero saber;—olha, meu *Zé do Abbade*, os leilões estão tão approvados, que até o nosso administrador já encommendou um ao afamado *Maricoto*, para dar uma *esmolla ao papa!*—o nosso administrador lembrou-se desta, porque é mesmo perdido por elle!—e da religião?—n'isso, não fallemos!—olha meu *Zé das Aboboras*, tu d'isto não entendes nada;—a religião está em qualquer coisa, e a fé é a que nos salva, e não o pau da barca;—o nosso administrador para nos

dar os *bons exemplos* e incitar-nos á religião, vai aos bailes das *grisettes*, que se dão por occasião do *entrudo* e leva tambem a *sua*; e se não entra na *dansa*, bebe como um homem, o *reparto*;—e attende, que é *homem de juizo*, e não iria lá, se não fosse para nos dar os *bons exemplos* e incitar-nos ao amor da religião, pois todo o *producto* das entradas, e da *botica* é para uma festa de penitencia!!

Zé do Abbade.—Que bella penitencia!—as disciplinas são *grogules do fino* com *toucinho do ceu*—*estreitados os laços* com o *regadinho* e o *landum da Figueira*;—não é má religião!—faltam-lhe as *canastrinhas* e o *jogo da cabra cegal*—ó *Esganarello*, queres saber, donde a tua religião pode tirar *bons fructos*?—tu já viste lèr a *buena-dicha*, *jogar a vermelhinha*, e *corpo aberto a tirar diabos*?—olha, que se aproveitarem estas fontes de receita, talvez sejam melhores os resultados do que os leilões, e os bailes das *grisettes!*—uma religião em *apuros* aproveita tudo, e a *lembrança* por ser da aldeia, não é de desprezar;—muitas vezes se perde por não fallar.

Esganarello.—Sempre estás uma boa peça;—entendes, que a religião é coisa com que se brinque, e que os nossos leilões feitos com toda a decencia, e pelo afamado *Maricoto*, tem alguma comparação com as *industrias dos da vermelhinha, bruchas e feiticeiras!*—pois não tiveste!—anda d'ahi, vem ver o que são leilões e tracto civilisado.

Zé do Abbade.—Vamos lá, mas vai já prevenido, que não é industria, que me comma coisa alguma.

Esganarello.—(Veremos.)—Boas tardes amigo *Maricoto*;—o cambio hoje não corre, vejo-te tão só!

Maricoto.—Que queres!—a gente fugia-me

transacções:--não se deu novidade na conservação da ordem publica.

Vindimas--Estão acabadas; quem enxofrou teve muito vinho, e já não é assim, quem não usou deste específico.

Os preços conservam-se muito altos que não estão em relação com a produção, que este anno é maior do que a do anno passado.

Em Ponte do Lima está-se vendendo a 17 e 18:000 rs. a pipa;--aqui conservo o de 5 e 6 livras.

Fazenda publica--Tem melhorado consideravelmente nos ultimos tempos, e o ultimo emprestimo de trinta e oito mil contos, feito no paiz, prova a sua confiança.

Mas é preciso não illudir-nos;--a maneira porque está procedendo á reforma do exercito, passando á *disponibilidade* a maior parte dos officiaes, prova, que ha esbanjamento, e que dentro em pouco nos acharemos nas mesmas difficuldades, que, antes da pesadissima carga de tributos, estavamos.

Isto assim não vai bem; porque precisamos de economias, para nivelar a receita com a despesa; e a maneira como os ministros estão procedendo, colloca-nos em estado de ser necessario tornar-nos a *mimosear* com novos tributos, sendo certo, que já custam muito a pagar os que agora se arrecadam.

O peso das crianças--O peso das crianças é o bastante para avaliar da sua saude.

Assim o affirma um illustre membro da sociedade protectora da infancia, em Pariz, o doutor Diday.

De todos os signaes, diz elle, pelos quaes se reconhece uma criança bem constituida, o

unico infallivel é o peso. O bom senso do povo confirma esta asserção; que bella creança costuma dizer-se a cada passo; como é pezada mal se póde com ella!

«O peso da creança responde pela sua saude: para saber como passa uma creança, basta conhecer duas coizas: o que deve pesar, e quanto pesa.

Dos 7 dias aos cinco meses, uma criança de crescimento regular augmenta de 20 a 25 grammas por dia.

«A partir dos cinco meses, augmenta 15 grammas por dia.

«Aos cinco meses peza o dobro do que pesava ao nascer.

«Aos deseseis, o dobro do que pesava aos cinco.

«Tal é a tabella exacta, diz o doutor; tudo o que for de menos, toda a falha n'este peso normal deve dar cuidado aos paes da familia.

«Por muita que seja a sua graça, gentileza, vivacidade, frescura, uma creança que não tiver o peso devido, ou cujo peso não seguir a progressão normal, deve ser vigiada; toda a creança cujo peso for diminuindo, está doente ou anda a chocar uma enfermidade.

«A criança não fallia, não póde responder quando lhe perguntam o que tem; mas a balança responde por ella.»

Guardem bem os paes de familias esta memoria, que muito proveitosa lhes póde ser, para, pelo que d'ella se lê, aquilatarem o estado bom ou morbido de seus pimpolhos que são a alegria e a graça do lar domestico, quando nédios, saudaveis e traquinas.

Ditos agudos e engraçados--Um pobre ermitão caminhava em tempo de chuva,

com os pés descalços e a cabeça descoberta. Encontrou-o um mancebo estorrado e disse-lhe:

Meu padre, a vossa sorte parece-me bem triste, se não ha outro mundo.

—Mas se o ha, respondeu o penitente, qual será a tua?

Pedindo a Lycurgo um secretario da democracia, que estabelecesse em Lacedemonia esta fórma de governo, para que o pequeno tivesse tanta authoridade como o grande, respondeu-lhe o legislador:--Dá-nos o exemplo, e vae primeiro estabelecê-lo em tua casa.

Tendo o imperador d'Austria Francisco I nomeado para arcebispo de Vienna um venerando sacerdote de nascimento obscuro, a côrte estranhou muito esta nomeação, porém o imperador contentou-se em responder:

—Que quereis? Eu pude fazer d'um apostolo um principe, mas com todo o meu poder não me seria possível fazer d'um principe um apostolo.

Dois homens que haviam entregado uma cidade a Philippe, rei de Macedonia, vieram queixar-se-lhe que os seus soldados lhes chamavam traidores.

—Deixae-os fallar, respondeu o rei, é gente grosseira que está acostumada a chamar as coizas pelo seu nome.

D. João II, de Portugal, sabendo que certo corregedor se negava a ouvir as partes, e admittia peitas, mandou-o chamar á sua presença e disse-lhe:

—Corregedor, olhae que me dizem que tendes as portas fechadas e as mãos abertas.

toda para as romarias, e de mais o povo está caçado, porque não ha rede, onde elle não caiba;—que se haviam agora de lembrar os parasitas, cá da nossa terra?—folhas, e mais folhas, (sem serem de codeço) d'estas, que lhes chamam—*Aurora do Cavado*—*Barcelense* e á ultima hora, essa, que lhe chamam *Lei e Ordem*, (que nome tão contradictorio!) para vergonha eterna da nossa terra, jornal do nosso administrador do concelho!—é uma nova rede, que só serve para desacreditar a religião que tem seccado a florescente receita dos Leilões, que tantos beneficios tem prestado á patria e ao altar!—se assim vamos, creio, que não teremos mais procições nesta terra!—vamos ao que importa, tu e o teu amigo, haveis de querer arrematar um *segredinho*;—tenho alli um, que é d'amigo e chega para nós todos trez, e o teu hospede, homem de brios, ha-de querer arrematar:—*meu amigo de Carampeços, cara de fuinha e de desmanhar beserros, aqui tem um sagredinho de levantar a espinhella e lambar as cambas—capaz de dar saude a um morto e tirar juizo aos vivos...*

Zé do Abbade.—Basta, basta, *snr. Maricoto*, eu não venho aqui para me descompor;—se a sua religião é essa, eu antes quero gastar o meu dinheiro com as *papeletas* do que com os seus *petiscos*, representantes da sua religião, e se continúa, leva d'aqui duas caibradas.

Esganarello.—Que dises, *Zé do Abbade*, tu vens aqui para dares um *rega bofe* a gente, ou para insultares o apostolo da religião, —nosso amigo *Maricoto*!—olha, que assim, não vais bem;—elle tem muito amigo, e nos que são amigos da religião, não fallemos.

Maricoto.—Deixa-o desabafar amigo *Esganarello*;—ó sauctinho, isso quando lhe dá

dura-lhe muito tempo?—provavelmente, ehtende que está a fallar com o *Abbade*, e que nós, cá os outros, somos *bonecos de gesso*, ou que nos sustentamos a *farello*;—engana-se, pois commemos *carninha* da melhor; ora diga-me, o seu *Abbade* lê-lhe a *Lei e Ordem*?—parece-me, que sim; e que lhe ha de ter contado as *façanhas do coveiro da Graça*, que *disia ter morto tres mil homens, quando apenas tinha esfaqueado tres exergões, e...*

Esganarello.—E... que? mais de vágar, *snr. Maricoto*; olhe, que o *snr. Agostinho* é meu amigo; deu-me a vida a ganhar, bebi com elle muito *cagão* de agoa-ardente na loja de João da Esquina;—serviu a contento a camara municipal, e se a descompoz, uma vez, a culpa não foi sua, e saiba, que muita gente pediu por elle, e até aquelle, que se disia mais queixoso:—elle é *serviçal* e tem muitos amigos.

Zé do Abbade.—Mas eu ouvi diser, que por certas *gentilezas*, que commetteu na repartição dos expostos, foi mettido em processo,—que chorara muito, e que quisera ir para o Brazil, e se não fora...

Esganarello.—Eu já lhes disse, que não gosto d'essas graças e que sou verdadeiro amigo do *snr. Agostinho*;—saibam, que eu andei sempre com elle, e até andamos ambos á caça;—á caça, não;—atraz das ovelhas, por esses montes, para as mulctar;—o *snr. Agostinho* corria, como uma lebre, e por signal, que estivemos para levar uma *coça* no monte de Villa-Cova;—mas saibam, que foi por querermos cumprir as nossas obrigações;—e como *solacium est miseris*, eu não admitto, que se diga a menor coisa em seu desabono.

Maricoto.—Ah! meu amigo, se vamos fallar em poucas vergonhas, isso é um nunca!

acabar; se essas eram a sua principal industria, e tanto assim...

Esganarello.—E tanto assim, que?—vocês, se continuam, temos o *caes de carvão*; olhem que eu já não estou bom...

Zé do Abbade. Quem não está bom, está bebado;—e eu pouco me importa com os teus amargores da bocca, visto que tens relações com *traficantes*;—oição:—o *snr. Agostinho*, como andou a traz das cabras, deixou a camara cheia de *ronha*, e vocês não sabem meia missa, do que lá se passou;—se vamos a fallar na administração, Deus nos acuda;—ainda outro dia, a um moço que fica detraz do *Penedo do Ladrão*, se fez uma justificação, (de bom moço!) que era *surdo de todo*....depois repartiram-se algumas livras e....

Esganarello.—Isso é demais, e vamos a puchar;—o *sr. Agostinho* não é ladrão.

Zé do Abb.—Ninguem lho chama, mas em casa tem uma caverna, maior do que a de *Caco*, onde habita um animal desconhecido, que tem umas fauces, mais largas do que a da baléia;—se lhe lançam uma sacca d'arroz, traga sacca e arroz d'uma só vez; acontece o mesmo a um quintal de bacalhau--a um carro de lenha, a uma pipa de vinho & c.

Esganarello.—É de mais; meus amigos puxem lá (aprompta o pau.)

Maricoto.—O diabo ahí vem a policia; deixem isso para outra vez;—tomem lá esse petisco e fujam.

Esganarello.—Venha e não se perca tudo;—amigo *Zé*, vamos adoçar estas guellas, e as contas ficarão para outro dia.

Zé do Abb.—Será melhor do que ir agora dar com os ossos á cadeia.

Maricoto.—Fujam, senão cahem na rede. (E fugirem a bom fugir.)

A mulher d'um jogador—Surpreza lancinante!

Ha dias estavam alguns operarios em uma taberna da rua de Baubourg, fazendo o regaboso da segunda-feira, com tambem o costume em Portugal, diz o «Jornal da Manhã».

De repente uma mulher irrompe na sala: e, dirigindo-se a um d'elles que jogava tranquillamente:

—Como suppoz que não ias hoje jantar a casa, resolvei trazer-te aqui o teu prato, disse elle.

E, pondo diante d'elle um prato coberto retirou-se.

—Sim, senhor, disse um dos jogadores, esta tua mulher cuida bem de ti, vamos petiscar isso?

—Valeu, disse o marido, descobrindo o prato.

O prato porém estava vazio; e dentro havia somente um bilhete que um dos convivas leu. Dizia o seguinte:

«Eu parece-me que não vens hoje jantar, e então trago-te o teu quinhão. E' do que ha em casa.»

«Tableau»!

Azeviche—Esta substancia tem a mesma origem que o carvão de pedra e a linhite, offercendo um tecido mais liso e compacto, porém menos impregnado de materias bituminosas. E' madeira fossil, negra e opaca, susceptivel de grande polimento, e muito empregada em obras delicadas de marcenaria.

Encontra-se na vizinhança dos depositos carboniferos, e serve para o fabrico de collares, braceletes e pequenos vasos, especialmente para objectos de luto. Alguns auctores attribuem-lhe a mesma origem que ao ambar, dando-lhe o mesmo nome de «ambar negro», diz o «Conimbricense».

O gesso—Os antigos empregavam esta substancia nas construções. Os romanos serviam-se d'ella para adornar as suas casas, e fabricavam tambem uma especie de estuque artificial, empregando o marmore pulverizado e a cal. Era conhecido este producto pelo nome de «opus albarium» ou «coronarium». As paredes revestidas d'esta argamassa eram pintadas a fresco, e nas ruínas de Herculanium e Pompeia tem-se encontrado vestigios d'estas obras interiores das habitações perfeitamente conservadas, escreve o mesmo jornal.

Conselho de guerra—Os conselhos de guerra em França, celebrados depois da communa até gora deram os seguintes resultados:

De um total de 30:000 casos sujeitos aos conselhos de guerra, 2:900 pareceram demasiadamente insignificantes para exigir processo formal e houve desistencia. Em 23:500 casos depois de varias averiguações, suspenderam-se procedimentos ulteriores, e fez-se declaração de que não havia logar para formar causa. Em 9:000 casos lavrou-se sentença depois de um processo em regra, havendo sido condemnado á revellia 2:750. Falta ainda julgar 2:700 casos, trabalho que ficará concluido antes do fim do anno.

Nova Caledonia—Os habitantes da Nova Caledonia, nas proximidades da morte, apresentam-se com grande coragem e dispõem de tudo com a maior tranquillidade. Proximos a exhalarem o ultimo suspiro, chamam os parentes e amigos, e distribuem por todos com a maior placidez as suas armas, os seus trophes de guerra, e tudo que constitue a sua riqueza. Feita a partilha, o moribundo despede-se da vida e da sua familia com a maior serenidade, e os herdeiros não revelam a mais pequena dor, e continuam a tratar dos seus negocios sem a mais leve commoção.

Influencia dos perfumes—As emanações odoríferas, que as flores vivas exhalam, ou que d'ellas se extrahem por processos chimicos, tem uma influencia decisiva sobre o organismo do homem. Esta acção é umas vezes saudavel, e outras vezes morbifica. A imaginação tambem influe muito n'estes effeitos. Um medico conheceu uma senhora, que não podia supportar o cheiro e até a vista das rosas. Era tal a antypathia por estas flores, que apenas as via, logo desmaiava. O medico mostrou um dia um ramo de lindas rosas a esta senhora, e antes que ella fosse accommettida do deliquio do costume, tranquillizou-a completamente, affirmando-lhe, que eram flores artificiaes. E o artificio produziu um bello effeito.

Os holandezes destruíram em uma das suas colonias todas as plantas do cravo da India. O resultado d'esta obra vandatica foi a ilha ser flagellada por uma serie de epidemias, até então desconhecidas. Tem-se observado em Londres e Paris, durante os maiores flagellos de cholera morbus, não haver um só caso entre os operarios que trabalham nas fabricas de perfumarias.

ANNUNCIOS



PREVENÇÃO

Francisco Dias dos Santos Borda Junior, da freguezia de Fão, como legitimo herdeiro do casal de seus Pais, constando-lhe que seu irmão José sem previo consentimento de seu Pae e mais interessados tem vendido algumas propriedades na freguezia de Gemezes no valor de 980:000 réis—propriedades que ainda não foram sorteadas nem partilhadas, visto que o inventario por fallecimento de sua Mae ainda não está concluido—previne o exm.º sr. juiz de direito d'esta comarca e illm.º e juiz curador do concelho d'Espozende, pelo facto de serem sercados os interesses d'herdeiros orphãos e auzentes e bem assim os interesses de todos os mais herdeiros, protestando por este meio por taes illegalidades já feitas e por todas as mais que se possam fazer.

PROCURAÇÕES

Vendem-se, no Campo da Feira, loja do sr. Pena Junior.

UM NOVO VOLUME

Vai ser impressa, em volume avulso, a 1.ª serie das interessantes cartas de Simplicio de Arruda a Nicolau Turtulho, e vice versa: quem quizer subscrever essa publicação, sirva-se mandal-o declarar n'esta typographia.

Como a materia para as mesmas já

vai escaecendo, por isso que o sr. juiz de direito, Manoel José Botelho, vulgo o Zina, se tem tornado mais cauteloso nas Zinadas e Zinices, roga-se ás pessoas, que tem sido victimas d'ellas, ou que tenham verdadeiro conhecimento de algumas, que se sirvão expol-as em carta fechada, e remettida a esta redacção, na certeza, de que será guardado o mais inviolavel segredo, com o que farão um bom serviço á Cauza Publica.

PROGRESSO MARITIMO DO PORTO
Empresa portuense de navegação a vapor

Entre Portugal e a Costa do Brazil
Para Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, com escala para S. Vicente

Vapores portuguezes



Espera-se brevemente o novo e magnifico vapor de 1.ª classe (a 100 no lloyds)

JULIO DINIZ

Commandante—J. J. RODRIGUES CONTENTE

Sahirá deste porto para os portos acima, impreterivelmente, no dia 26 de julho

Este vapor construido nas melhores condições, com especialidade para poder entrar e sair a barra d'este porto, offerece, além das excellentes commodidades para os passageiros de todas as classes, a vantagem de sahirem d'aqui directamente para os portos acima mencionados, evitando-lhes o incommodo de irem a Lisboa e de fazerem a menor despeza.

A comida será abundante e variada, feita por cozinheiros portuguezes, servindo-se vinho de meza, escolhido no Douro, aos passageiros de todas as classes, sem augmento dos preços das passagens.

Os passageiros de 3.ª classe tem cama, roupas, lousas e utensillios de meza.

Para mais esclarecimentos, assim como para carga e passageiros, dirigir-se ao escriptorio da gerencia, Rua dos Ingleses n.º 42, ou ao Agente nesta villa—João Antonio da Costa Guimarães.

MACHINA DE COSTURA

DE SINGER

Vende-se em casa de Manoel Pereira Leite de Carvalho desta Villa no Campo da Feira, assim como agulhas e al-gudões de cores proprias para as mes-mas. Preço commodo. Ensino Gratis.

RESPONSAVEL

José Joaquim Lopes da Silva

BARCELLOS:—Typ. do **Barcellense**

CAMPO DA LOUGA N.º 11.